



Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. António dos Reis — Redacção: Rua Marcos de Portugal, 8 A. — Leiria.
Administração: Santuário de Fátima, Cova da Iria, Composto e Impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 158 — Lisboa.

A PEREGRINAÇÃO DE AGÔSTO, 13

A peregrinação da dia 13 de Agôsto ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima foi sobremodo imponente e edificante, quer pelo número de peregrinos, quer pe-

la boa ordem com que se efectuou, quer finalmente pela piedade de que se revestiu.

Já no dia 10 se encontravam na Cova da Iria duas piedosas mulheres de Seixas do Minho (Caminha) que tinham feito a pé a viagem em que gastaram quasi quinze dias, assim como um véllinho que, igualmente a pé, percorreu, em cerca de doze dias, a longa distância que medeia entre Paredes de Coura e Fátima.

No mesmo dia chegou também uma peregrinação de 120 pessoas, de Campanhã (Pôrto), promovida pela Conferência de S. Vicente de Paulo da respectiva freguesia.

No dia 11, chegaram as peregrinações de Lisboa, da iniciativa da Arquiconfraria do Coração Imaculado de Maria, Setúbal, Coimbra, promovida pela Confraria de Nossa Senhora do Carmo e que se compunha de du-

guesias da diocese. Nem uma só freguesia, ficou sem representação. Tôdas enviaram um elevado contingente de peregrinos, sendo de algumas, e até das de mais longe de cerca de mil pessoas.

A entrada solene do extenso cortejo formado pela peregrinação diocesana de Leiria no recinto do Santuário fêz-se quasi ao pôr do sol.

Davam-lhe particular realce, além das numerosas bandeiras, os uniformes da J. C. F. e os vestidos brancos das crianças da Cruzada Eucarística. Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Bispo de Leiria assistiu durante hora e meia do alto da escadaria da Basílica ao desfile do majestoso préstito em duas e em quatro fileiras.

Durante a noite de 12 para 13 e a manhã de 13 celebraram-se os actos de culto habituais: procissão das velas, adoração nocturna, Missa, comunhão geral, etc..

gnou applicá-la pelos seus diocesanos, celebrada às 7.^h30.

Houve mais de doze mil comunhões.

Depois da comunhão geral, foi servido, no salão da Casa dos Retiros, pão e café a tôdas as crianças das catequeses da diocese, a expensas do Senhor Bispo.

Às 10 horas, realizou-se um concurso catequístico, cabendo os primeiros prémios (de 150\$00 cada um) ao menino Nuno António de Faria Fernandes e à menina Maria Lopes Vieira de Oliveira Dias, ambos da cidade de Leiria, e os segundos prémios (de 60\$00 cada um) ao menino Francisco Alves e à menina Aurélia das Neves, da Freixianda.

Findo o interessante certame fêz-se ouvir num côro falado a Juventude Agrária Católica da Diocese de Leiria que ofereceu ao Senhor Bispo 30 alqueires de trigo para as hóstias do Santuário.

MENSAGEM

A TODO

O MUNDO

Foi precisamente há 23 anos, no dia 13 de Julho de 1917, em plena guerra mundial.

No Portugal longinquo, juntaram-se, nesse dia, no cume da Serra d'Aire, cerca de 2.000 pessoas para presenciarem um facto extraordinário — a aparição de N.^a Senhora a três pastorinhos da freguesia de Fátima.

A aparição deu-se, de facto, à hora do meio-dia, mas apenas visível para os pastorinhos. As pessoas presentes só puderam verificar que as crianças, durante a aparição, pareciam desprendidas da terra dando a impressão de estarem em contacto com um ser sobrenatural. Quando, depois do desaparecimento de N.^a Senhora, perguntaram à mais velha das criancinhas o que Esta lhes tinha dito, respondeu: «Que rezássemos o Têrço a fim de se alcançar a paz para o mundo, pois só por sua intercessão ela se poderá obter». Nestas palavras está, pois, compendiada toda a essência da Mensagem de Fátima. Esta Mensagem foi, entretanto, declarada autêntica pela Igreja e espalhada por todo o mundo. Mas, não obstante, aconteceu à Mãe de Deus o que já tinha acontecido a seu divino Filho: «Ela veio à terra mas os seus filhos não a reconheceram».

E, contudo, a Mensagem de Fátima é, para a humanidade flagelada e oprimida, o único caminho seguro para a consecução duma paz justa e verdadeira tanto no domínio temporal como no espiritual.

E um facto da mais alta transcendência, a descida da Rainha do Céu a este pobre vale de lágrimas para nos anunciar a sua Mensagem, dizer o que quere de nós e como devemos proceder. Veio com todo o seu amor maternal para nos salvar da miséria e aviltamento a que as paixões e o pecado nos reduziram. Os meios que Ela propõe para salvação da humanidade são claros e intuitivos: Oração e Penitência! Primeiro que tudo reza do Têrço e penitência voluntária antes que tenhamos de suportar, como penitência involuntária, as provas que Deus nos fôr enviando.

A guerra mundial de 1914 a 1918 foi, talvez, apenas uma prevenção e uma advertência. A esta têm-se seguido muitas outras. E agora parece que o flagelo de Deus se quere propagar de nação em nação, como se nenhum homem e nenhum povo devesse escapar-lhe.

Terá chegado, enfim, para toda

a humanidade a passagem do Mar Vermelho, essa passagem terrível sem a protectora nuvem de fogo que salvou os Israelitas? Ou então terá soado, como diz S. S. o Papa Pio XII, a hora tremenda em que Deus pesará o mérito e o demérito, a virtude e o vício duns contra os dos outros?

Seria de presumir que os homens de hoje tivessem suportado já, nos últimos vinte e cinco anos, tanta miséria e sofrimento que todos, sem excepção, devessem agarrar-se agora desesperadamente à tábua de salvação que Ele lhes envia para escaparem ao naufrágio. E, contudo, não é assim. Não sabemos o que se deva chorar mais, se as misérias do nosso tempo se a cegueira dos homens.

Maria é a medianeira e a advogada que nos foi dada por Deus. Ela é a fonte e a origem da nossa salvação, a auxiliadora dos Cristãos e a Rainha da Paz. Uma vez que Ela nos disse em Fátima e duma forma tão concludente, que domina sobre tôdas as misérias e infortúnios do mundo, não deveriamos nós, cheios de infinita confiança, cair nos seus braços maternais e — fazer o que Ela disse?

A Mensagem de N.^a Senhora da Fátima devia ser espalhada por todo o mundo em milhões e milhões de exemplares.

Vós, queridos amigos de Fátima, dizei e repeti mil e mil vezes: Só Maria nos pode salvar do gládio da Justiça divina se fizermos o que Ela disse e cumprirmos o que Ela exige de nós: Oração e Penitência.

Os véllhos amigos do «Bote von Fátima» irmão, de-certo, regozijar-se com o seu reaparecimento depois de um ano de suspensão. O «Bote» apareceu de novo porque a sua Mensagem é não só actual mas necessária nos tempos que correm, visto só ela poder salvar o mundo. O jornalzinho há-de, também, crescer e aumentar de formato se os seus véllhos amigos lhe grangearrem amigos novos.

Oh! dizei mil e mil vezes, queridos amigos de Fátima — Caritas Christi urgeat nos!

O amor do próximo que o Espírito Santo, como uma das três virtudes teologais, nos infunde na alma por ocasião do santo Baptismo, deve incitar-nos a sermos para os nossos pobres e transviados irmãos, mensageiros de Fátima, mensageiros de Salvação e mensageiros de Maria.



FATIMA, 13 de Agôsto — Os trinta alqueires de trigo para as hóstias do Santuário, oferta da Juventude Agrária Católica de 17 freguesias da Diocese de Leiria apresentada ao Senhor Bispo durante o côro falado executado pelos rapazes da Juventude.

zentas pessoas, Cabeção (Alentejo), com cento e vinte peregrinos, Tôres Vedras, Sandim, Aldeia do Mato, Condeixa-a-Velha Paredes e Carcavelos, Almôster, Jovim (Gondomar), Lanhelas (Minho), Sever (Vila Nova de Gaia), Ceira (Coimbra) e muitas outras.

//

Como de costume, Leiria realizou neste mês a sua peregrinação diocesana anual.

Além das bandeiras das diversas secções da Acção Católica, viam-se cerca de cinquenta das fre-

Foi o venerando Prelado da diocese que prêgou no primeiro turno de adoração sobre os mistérios dolorosos do Rosário.

Seguiram-se os turnos de adoração das peregrinações de Setúbal e Sandim, das 2 às 3 horas; de Tôres Vedras, das 4 às 5; do Souto da Carpalhosa, das 5 às 6.

A essa hora foi dada a bênção com o Santíssimo Sacramento.

As Missas começaram às 4 horas da madrugada, tendo sido a brante deu no fim a bênção in-

A hora habitual, efectuou-se a primeira procissão com a Imagem de Nossa Senhora da Fátima, precedida da recitação do têrço e seguida da Missa do meio-dia solar que foi celebrada pelo rev. dr. José Galamba de Oliveira.

Fêz a homilia o Senhor Bispo de Leiria que se referiu ao aniversário que nesse mês ocorria da prisão dos videntes em 1917, frisando a impotência humana contra os designios de Deus.

Assistiram à Missa 238 doentes inscritos a quem o rev. celebrante deu no fim a bênção in-

(Continua na 2.^a página)

Portugueses, atenção!

O Papa chama Portugal a uma nova Cruzada

A propósito das Festas Centenárias e da recente e felicíssima Concordata entre o nosso Governo e a Santa Sé, dirigiu o Santo Padre Pio XII a Portugal uma carta-Encíclica que fica sendo mais um monumento a atestar bem alto os seus sentimentos paternais de amor e predilecção pela Nação Portuguesa.

Nesta Encíclica, o Sumo Pontífice, exaltando o nosso passado glorioso em que, embalados no seio maternal da Igreja, firmámos a nossa independência e fomos depois a «dilatar a Fé e o Império» pelas terras distantes de além-mar — chama «o nobre e querido Povo Português a uma nova e «santa cruzada» em favor das Missões» em favor de 10 milhões de almas que, nas nossas províncias ultramarinas, esperam quem lhes leve a Luz do Evangelho.

«A Seara é grande, diz, mas os trabalhadores são poucos». «As antigas dioceses da África Portuguesa sofrem grande escassez de apóstolos». E em face desta triste realidade, o Vigário de Cristo aponta-nos o dever.

1.º «Rogai ao Senhor da messe que se digne suscitar muitas vocações missionárias». Por esta intenção «orem... os fiéis ao rezarem o Terço tão recomendado por Nossa Senhora da Fátima».

2.º «Timbrai em dar os vossos filhos, vossas orações, vosso óbolo generoso às Missões». Este, em

suma, o apelo do Papa ao povo português.

II.

Mas agora uma reflexão oportuna. Como é que do meio duma sociedade paganizada, de famílias descristianizadas e corrompidas em que não há amor, nem temor de Deus, em que «o espírito de prazer se sobrepôs ao espírito de sacrificio» não-de surgir vocações missionárias, não-de florir missionários do Senhor?

A cruzada missionária do ultramar supõe pois, a recristianização de Portugal continental.

— E para isto que é preciso fazer?

— Acção Católica, muita Acção Católica.

O próprio Sumo Pontífice o proclama quando afirma na sua Encíclica aos portugueses: «Parte privilegiada nesta nobre cruzada compete aos que militam na Acção Católica».

E tu, católico português, que isto ouves, que talvez enchas o mundo com os protestos do teu nacionalismo e patriotismo, que tens tu feito pela Acção Católica em Portugal?

Tens-lhe dado ao menos o teu auxílio material, pagando pontualmente a insignificante cota de dois tostões por mês para os Cruzados de Fátima?

Faze o teu exame de consciência e dir-me-as depois, se és católico... nacionalista... português...

FALA UM MÉDICO

LI

A noite sôbre a Europa

Em 1913, o multi-milionário americano Rockefeller entregou a sua fortuna, fabulosamente grande, a uma empresa, cujo fim seria fomentar o bem estar da espécie humana no mundo inteiro.

É prodigiosa a obra da Fundação Rockefeller: nestes últimos 27 anos distribuiu muitas centenas de milhões de dólares por esse mundo fora, quasi sempre para desenvolver o ensino médico e cuidar da hygiene dos povos.

À custa da Fundação Rockefeller levantaram-se grandiosos edificios para as Faculdades de Medicina de Londres, de Lyon, de Bruxelas, de S. Paulo, de Pequim e de muitas outras cidades espalhadas por tôdas as partes do mundo.

Estabeleceu em tôda a parte, em bases modernas e eficazes, a luta contra a febre amarela, as sezões, a anemia dos mineiros e outras doenças infecciosas.

Custeou as despesas de muitos milhares de médicos de tôda a parte para se especializarem no combate àquelas epidemias.

Portugal não escapou ao influxo da generosidade daquela benemérita corporação.

Primeiramente, a Fundação Rockefeller forneceu gratuitamente numerosos livros às bibliotecas das nossas Faculdades de Medicina. Depois concedeu bolsas de estudo a alguns dos nossos médicos mais distintos, e, ultimamente, muito tem trabalhado no combate à epidemia do sezoniismo, no nosso País.

Só no ano de 1939, gastou a Fundação Rockefeller na sua benemérita obra, a fabulosa quantia de 9.500.000 dólares.

O último relatório da Fundação Rockefeller manifesta, todavia, um grande desalento.

Caiu a noite sôbre a Europa, diz ele, e vão-se perdendo, trágicamente, os esforços de tantos anos, em benefício do bem estar da humanidade.

Mas tenhamos fé. A noite é longa, é escura, é triste.

Mas, após ela, o sol raiará de novo, sob o olhar de Deus.

E os homens voltarão, pacificamente, a lavar a terra. E voltará a cuidar-se da saúde das pessoas e das nações.

Assim seja!

P. L.

Paguemos as dívidas!

Nossa Senhora tem sido sempre tão nossa amiga!...

Estamos em festa de agradecimento aos grandes obreiros das glórias nacionais. Lembremo-nos de que Nossa Senhora da Fátima é o grande restauradora de Portugal.

Já milhares de famílias se consagraram à Nossa Mãe do Céu.

Porque esperamos nós?

O dia 8 de Setembro é dia ótimo. O mês de Outubro, o mês do Rosário vai porém com certeza ser o mês de maior propaganda desta ideia por parte de tôdas as almas devotas de Nossa Senhora.

Muitos milhares de famílias se vão ainda consagrar a Nossa Senhora da Fátima neste mês.

O Santuário editou estampas especiais. Chefes de trezena! raparigas de Juventude! Senhores Párocos:

Peçam-nos à Gráfica — Leiria mandando o respectiva importância. Não percam tempo!

A GARGANTA QUEIMADA PELO ÁCIDO DO ESTÔMAGO

Um novo tratamento que acaba com a azia

Era horrível o sofrimento desta mulher, mas acabou de uma forma feliz.

Sofreu durante muitos anos de azia. Passava as noites a passear, deitando água pela boca e sentindo horríveis queimaduras no esôfago e na garganta. Tomou pós estomacais, comprimidos e drogas várias, mas tudo foi em vão. Um dia resolveu-se a experimentar as Pastilhas Digestivas Rennie e, com grande surpresa, verificou que lhe faziam um bem imenso. Bem depressa pôde voltar a comer o que anteriormente lhe causava a maldita azia. Hoje já come de tudo, sem restrições e sente-se feliz.

As Pastilhas Digestivas Rennie, fizeram com que esta mulher acabasse com os tormentos que lhe produziam os ácidos do estômago, por que contém anti-ácidos que neutralizam a acidez; absorventes que reduzem os gases do estômago e, fermentos que auxiliam a digestão. As Pastilhas Rennie dissolvem-se na boca. Os seus componentes entram em acção imediatamente, pois chegam ao estômago sem perdas de actividade, pela sua diluição na água.

Duas Pastilhas Rennie acabam com as dores de estômago em 5 minutos. Vendem-se em tôdas as farmácias a Esc. 6\$00 os pacotes de 25 e Esc. 20\$00 os de 100.

A Peregrinação de Agosto, 13

(Continuação da 1.ª página)

dividual com o Santíssimo Sacramento.

Por último, fêz-se a procissão do «Adeus», retirando-se em seguida os peregrinos com as lágrimas nos olhos e com vivas saudades daquele dia de bênçãos e daquele lugar de milagres.

No Hospital, juntamente com o sr. dr. José Pereira Gens, seu dedicado director, prestaram obsequiosamente os seus serviços os sr. drs. Pereira Coutinho, Cortês Pinto e Diamantino Godinho e, como enfermeiras entre outras as senhoras Marquesa de Cadaval e D. Cecília Abreu Marques de Oliveira e o sr. Joaquim de Sousa.

Assistiram aos actos religiosos da peregrinação Sua Alteza a Infanta Senhora D. Maria Antónia de Portugal, Duquesa de Parma, Mãe da Imperatriz Zita, e sua filha a Princesa Isabel de Bourbon e Parma. As duas ilustres senhoras mostraram-se encantadas com a Fátima e prometeram voltar brevemente em visita ao Santuário.

Estiveram também presentes dois missionários da St. Joseph

Society, de Mill-Hill (Londres), e o Director da Arquiconfraria do Coração Imaculado de Maria, Rev.º P.º José Monteiro.

Fazia parte da peregrinação desta Arquiconfraria o rev. dr. Francisco Cruz, seu director espiritual, que celebrou o santo sacrificio da Missa, às 6,30, na capela do Hospital.

As associadas eram em número de cinquenta e duas e acompanhava-as a sua dedicada e incansável presidente a senhora D. Isabel Regina de Almeida, que pôs todo o fogo da sua alma cheia de piedade e de zelo na organização desta homenagem de amor filial a Nossa Senhora da Fátima.

Visconde de Montelo

VOZ DA FÁTIMA

DESPESA

Transporte... ..	2.260.110\$69
Franquias, embalagem e transporte do n.º 215	4.235\$95
Papel, composição e impressão do n.º 215	22.380\$63
	2.286.927\$27



Perdeu o emprego devido ao reumatismo

Representou uma espécie de tragédia o facto deste ferro-viário ter de abandonar o trabalho no fim de 30 anos, mas sofria tanto de reumatismo que não tinha outro remédio — só podia andar apoiando-se a uma bengala. A conselho de um amigo principiou a tomar Sais Kruschen. Verificando que melhorava com o tratamento, continuou na sua resolução e tomou-os até ficar bom de todo.

Se visse agora este homem, e o pudesse ter visto há três anos passados, não acreditaria que fosse o mesmo. Fala de Kruschen a todos os seus amigos e não se cansa de os recomendar.

As dores reumáticas e a prisão dos movimentos são causadas pelos depósitos dos cristais de ácido úrico, nos músculos e articulações. Os sais minerais que Kruschen contém estimulam o fígado e os rins a uma actividade saudável e regular, auxiliando estes órgãos na eliminação do excesso de ácido úrico, causa dos sofrimentos. Quando o venenoso ácido úrico desaparece, as dores reumáticas deixam de aperturar.

Sais Kruschen

Vendem-se em tôdas as farmácias.

Cartas de longe

Minha querida M.ª de Lourdes.

Emquanto aguardas ansiosamente o momento inefável de poderes estreitar contra o coração o teu primeiro bebé, deixa-me vir conversar contigo sôbre esse pequenino ser que se agita ainda no teu seio e já é, por assim dizer, o centro das tuas principais preocupações, o pensamento dominante dos teus sonhos de mãe.

Gosto de saber que andas a cuidar de preparar com ternura e amor o bercinho e tôdas as peças do enxoval com que vestirás o teu pequenino, mas não esqueças que o bom gosto, o espirito de economia e a comodidade devem ser o teu principal cuidado nesse assunto. Nada de arrebitos tolos que muitas vezes prejudicam o corpinho tenro e delicado da criança e que só servem para ostentar a validade materna.

Mas, além destas preocupações necessárias e muito legítimas até, eu gostaria de saber que igualmente pensas no baptismo do teu filhinho, realizando-o logo que seja possível levá-lo à igreja sem perigo de prejudicar a sua saúde. Lembra-te que infinitamente mais importante que todos os vestidinhos mais ou menos ricos e alindados que o envolverão, são as vestes alvíssimas que a sua alminha receberá com a graça do santo baptismo: não queiras pois privá-lo dessa graça por muito tempo; não esperes mais de oito dias para teres a consolação de saberes lavada e purificada da mancha original pela água lustral do primeiro Sacramento, a alminha de teu filho. Não queiras ter, como tantas, a preocupação fútil e pecaminosa de deixar crescer a criança para depois ir mais bonita, para ir direitinha (como dizem vulgarmente) ao colo da ama ostentando um vestido de baptizado mais bonito e que fica melhor quando tem mais alguns meses... A lei da Igreja manda que se baptisem aos sete dias.

Pensa também na escolha dos padrinhos: que sejam honestos e cristãos e saibam bem a significação do acto em que tomam parte importante e das sérias responsabilidades que vão contrair para com o afilhado. E pede-lhes que pensem em dar à criança um nome bonito e sobretudo cristão e não um daqueles nomes que nada dizem e que muitas vezes são pedantes e até ridículos.

Depois dedica-te com todo o ardor de jovem mãe à criação e educação do pequenino ser que o Senhor te confiou e de que um dia Lhe terás de dar contas. Pede-Lhe pois sincera e perseverantemente a graça de saberes realizar tão linda mas difícil missão. E, enquanto os sérios cuidados pelo futuro não vierem ensombrar e apertar o teu coração de mãe, goza e saborea bem os momentos deliciosos da primeira infância do teu filhinho. São momentos inesquecíveis e de que mais tarde, terás fundas saudades, porque, como diz o ditado — «filhos criados trabalhos dobrados»... porque a medida que eles crescem, crescem igualmente os cuidados e preocupações de tôda a espécie. Mas não pensemos ainda em coisas tristes e deixa-te por hoje entregue aos pensamentos que as minhas palavras despertarem na tua alma e no mês que vem voltarei a escrever-te continuando o assunto que tanto te interessa.

Abraça-te e fica rezando por ti a tua muito amiga

MOSS.

GRAÇAS DE NOSSA SENHORA DA FATIMA

NO CONTINENTE

D. Maria da Piedade — Casa Velha, Soure, diz ter sofrido muito no rim esquerdo. Estivera dois meses no Hospital da Universidade de Coimbra para lhe ser feita uma operação. Como o mal se agravasse, foi para casa sem que a operação se tivesse realizado, pois queria ir morrer a sua casa. Chegada aí, recomendou ainda a sua cura a N.ª S.ª da Fátima, e depois de tomar alguma água do Santuário começou a sentir extraordinário bem-estar.

Agora diz-se completamente curada atribuindo tal graça a N.ª S.ª da Fátima.

José Albertino Alves Teixeira — Lamas, Vila Real, pede a publicação do seguinte: «Adeoci há tempos com uma grande hidropesia chegando a tapar-se-me de todo a vista a ponto de só pela fala conhecer as pessoas. Os médicos disseram a pessoas de minha família, que eu já não recuperaria a saúde.

Vendo-me com 5 filhos — um ainda no ventre materno, e que todos iam ficar sem pão, prometi a Nossa Senhora da Fátima, se ela me curasse, ir pessoalmente à Cova da Iria agradecer-lhe tal favor. Todo o mês de Outubro estive muito mal. No dia 30 mandei chamar os meus filhinhos para os abençoar.

Confessei-me e recebi os outros socorros da Santa Religião destinados aos moribundos. A noite perdi todos os sentidos, rezaram-me o ofício da agonia, e já ninguém pensava que voltaria a mim. Rezou-se, no entanto, ainda a Nossa Senhora da Fátima, e pela madrugada senti-me muito melhor. Não quis mais remédios e afirmo sentir-me curado. Estive ainda uns dias de cama devido à fraqueza, mas, graças a N.ª S.ª da Fátima a cura confirmou-se e hoje sinto-me completamente bem. Venho pedir a publicação de tão grande graça, e procurarei cumprir as minhas outras promessas logo que isso me seja possível.»

Manuel Mendes Patrício — Celorico da Beira, tendo obtido uma graça por intermédio de N.ª S.ª da Fátima vem agradecer o favor que por sua intercessão obteve.

D. Conceição Simões de Pinho — Verdemilho, agradece a N.ª S.ª da Fátima diversas graças que por seu intermédio alcançou, e pede o favor da sua publicação na Voz da Fátima.

D. Emilia Dias Freire — Riachos, diz ter estado muito fraca a ponto de ter de recolher à cama chegando a ter expectorações de sangue. Já sem confiança na medicina que se mostrava impotente para debelar o seu mal, entregou-se à protecção de N.ª S.ª da Fátima recomendando-lhe a sua cura ao mesmo tempo que fazia novenas de orações e tomava água do Santuário da Fátima.

Começou desde logo a sentir-se melhor, e hoje, diz considerar-se completamente curada.

D. Eva Paulino — Candal, Gaia, diz: «Encontrando-me no mundo orfã de pai e mãe, entrel num convento de religiosas já depois da maior idade.

Não tendo, porém, a verdadeira vocação voltel para o mundo onde me via sem ninguém. Em 1925 fui a Fátima com uma doente pedir a cura para os seus males e o arrimo para a minha vida, porque não tinha recursos para poder viver. Prometi a N.ª S.ª, se me deparasse algum meio de vida, publicar no seu jornal esse favor. A graça não se fez esperar. Passados dias, logo me procuraram para tomar o cargo de enfermeira de cujos recursos tenho vivido até à data presente.

A Santíssima Virgem ainda me não faltou com o necessário para a passagem neste mundo, onde vivo sem riquezas e sem privações, graças a tão boa Mãe.

D. Tereza de Jesus Coelho — Chaves, vem agradecer a cura de uma

ferida que tinha numa perna, dizendo-lhe os médicos que deveria ser-lhe amputada. Prometeu a Nossa Senhora, se não fosse necessário cortar-lhe a perna, ir visitá-la no seu Santuário. Foi atendida, diz, e pode já trabalhar para governo e amparo de sua família.

José Figueiredo — Chaves, diz: «Meu filho foi atacado duma forte meningite. Feitas muitas orações em seu favor, recuperou a saúde com que já se não contava.»

D. Carminda dos Anjos Cunha — Chaves, deseja agradecer a cura de seu filho João, que durante 5 anos sofreu de bronquite que os remédios não curavam.

Uma novena feita a Nossa Senhora durante a qual bebia da água do Santuário tanto bastou para que Nossa Senhora se dignasse alcançar-lhe a saúde.

D. Maria da Luz Seabra Barreto — Leitões, manifesta o seu agradecimento por diversas graças que recebeu e que atribue à protecção de N.ª S.ª da Fátima.

D. Isabel da Silva — Taide, vem agradecer a N.ª S.ª da Fátima uma graça que obteve em favor de sua mãe.

D. Joaquina da Silva — Taide, vem manifestar o seu agradecimento por ter recebido uma graça particular por intercessão de N.ª S.ª da Fátima.

Joaquim de Sousa Brandão — Rossas, Arouca, diz ter tido sua filha tuberculosa e já desenganada pelos médicos. No entanto, resolvera ainda ir com ela ao Santuário da Fátima para aí rezarem e fazerem seus pedidos e promessas diante da imagem de Nossa Senhora no lugar que ela escolheu para nos visitar como Mãe de Misericórdia. Não tardou que a doente não começasse a sentir-se melhor, e de tal maneira as melhoras foram progredindo que, passado pouco tempo consideraram-na completamente curada.

Arnaldo Cardoso — Perlada, Ferreiros, diz ter alcançado por intercessão de Nossa Senhora da Fátima a cura de uma pessoa de família, desejando por isso manifestar aqui a sua gratidão.

D. Maria Eufrásia Roma — Poiães da Régua, tendo obtido de Nossa Senhora da Fátima a cura de uma doença de que sofria havia mais de 7 anos, vem publicar esse agradecimento, conforme prometeu. Diz ter recebido a cura no último dia de uma novena que fez em honra de N.ª S.ª da Fátima.

D. Anunciação Ribeiro — Vila Chã, agradece a N.ª S.ª a cura de seu marido que chegou a ser tido como já morto.

NA ÁFRICA OCIDENTAL

Guimar Caires de Sousa — Humpata, diz: «Tendo obtido por intercessão de N.ª S.ª da Fátima já algumas graças venho publicar o meu agradecimento por assim o haver prometido.

Minha filha Maria José sofreu durante alguns meses com um furunculo junto dos rins. Todos os dias ia ao tratamento mas não sentia melhoras apreciáveis. Passados tempos apareceu-lhe uma complicação de erizipela, tão perigosa que, segundo a opinião do médico, seria difícil resistir ao tratamento necessário. Foi consultado outro médico que disse ser necessário fazer-se uma raspagem.

Como previ que a doente não resistiria se a levasse a sofrer a raspagem exigida, recorri então a Nossa Senhora da Fátima prometendo mandar publicar a graça no seu jornalzinho se por sua maternal intercessão obtivesse tão grande favor. Dessa data em diante, graças a Deus e à Virgem Mãe, minha filha começou a melhorar, e hoje encontra-se com-

pletamente curada, sem que a raspagem tivesse sido feita.»

(a) Guimar Caires da Fonseca.

NO BRASIL

D. Inalda Baptista Dubeix — Recife, Brasil, vendo seu marido gravemente ameaçado por um tifo, que acompanhado de sérias complicações lhe podia ser fatal, recorreu a Nossa Senhora da Fátima fazendo-lhe a novena das três Ave-Marias e dando a beijar ao querido doente uma reliquia da Fátima.

Desde o princípio da novena manifestaram-se algumas melhoras que se foram acentuando até que viu seu esposo fora de perigo e entrado em franca convalescença. O seu lar começado há apenas dois anos rejubila de gratidão, e vem agradecer a N.ª S.ª da Fátima a graça da saúde do seu chefe.

Alexandre de Andrade Lemos, agradece a N.ª S.ª da Fátima a insigne graça que se dignou conceder-lhe com a cura radical de um tumor ma-

ligno no fígado e estômago que durante 4 anos o fez sofrer horrivelmente, a ponto de todos os médicos o julgarem perdido.

Escreve-nos a sr.ª D. Desinda Emilia da Silva, Rua Maria Eugénia, n.º 50:

Botafogo — Rio de Janeiro

Minha mãe, Adelaide Emilia da Silva, (que já completou 70 anos e é muito doente pois vai para 8 anos teve um começo de derrame cerebral ficando com uma paraplegia nas pernas, além de má circulação do sangue, nefrite crónica, etc.) em Maio de 1938 teve os seus padecimentos agravados a tal ponto que não conseguia deitar-se devido ao coração não lhe permitir pelo que até o próprio médico dizia que só um milagre conseguiria devolvê-la ao estado anterior à crise. Nesta situação resolvemos fazer uma novena a Nossa Senhora da Fátima para que, se fosse da vontade de Deus, nos conseguisse a graça da doente poder descansar no leito e também a cura de

diversas feridinhas que ela tinha espalhadas pelo corpo, rebeldes a todos os remédios e que lhe causavam grandes sofrimentos.

Durante a novena demos-lhe a beber água do Santuário da Fátima e continuamos com o tratamento prescrito pelo médico.

Grças à intercessão carinhosa da Nossa Mãe do Céu, Senhora da Fátima, Deus concedeu-nos o tão desejado milagre: a doente, depois de 20 dias e 20 noites passadas em cadeiras conseguiu pouco a pouco habituar-se ao leito e dormir como antes; as feridinhas saíram e não tornaram a aparecer.

Todas as pessoas que viram o estado anterior de minha mãe (pois ela recebeu a extrema-unção e a noite de 30 de Maio passou em agonia) inclusive o médico, são unânimes em afirmar o carácter miraculoso do facto, e por saber que o devemos à intercessão de Nossa Senhora da Fátima peço a fineza de o publicar em seu jornal, para maior glória da Rainha do Céu.

/ / UM CASO ESTRANHO

— *Estás aí, Manuela?*
— *Pois não havia de estar, avó? Se eu nunca saio daqui sem lho dizer...*

— *Sim... lá isso é verdade! Mas eu às vezes adormeço... e não dou conta do que tu dizes e me nos ainda do que fazes. Triste coisa é a gente não ver...*

— *No Céu todos veremos igualmente, avó... e para sempre... De que vale isto? Mais dia menos dia abalamos...*

Sentada na soleira do alpendre para onde viera com a costura a aproveitar o resto da claridade do dia, Manuela falara com calma mas o coração batia-lhe agitado e a boca que na sua idade devia apenas entreabrir-se em sorrisos, tinha um certo jeito de amargura, embora resignada. Na verdade, ela era mais velha do que parecia: ninguém lhe dava mais de quinze anos e pouco desenvolvidos. Contudo ia nos vinte e pela experiência da vida em que a lançara a morte da mãe, a cegueira da avó e o encargo de cinco irmãos, todos mais novos que ela, estava bem amadurecida, era bem uma mulher.

— *Assim é, filha, suspirou a cega, mas, entretanto, aqui ando a empeçar a tua felicidade. Estou velha, é certo, mas se eu tivesse a minha vista, sinto que ainda teria forças para cuidar do teu pai, dos pequenos, olhar pela casa, e tu poderias seguir o teu destino, que bem o mereces, e mais o Zé Gonçalo, que o não merece menos...*

— *Deixe lá, avó, não se fala mais nisso...*

O tom era quase despreocupado; a avó, porém, não se iludia e, enquanto os olhos apagados se lhe orvalhavam, algumas lágrimas rolavam pelas faces de Manuela e caíam sobre a costura que ela ponteara acaladamente.

Nisto ouviu-se o chiar dum carro no caminho e, pouco depois, um vozear alegre.

— *Lá vêm, disse a velhota com alvoroço. E vem também o Zé Gonçalo... Já lhe distingo a voz...*

Manuela ergueu-se sobressaltada, dobrou a costura que arremou num cesto e deu alguns passos no terreiro em frente da casa toco atapetado de caruma. O carro vinha chegando, carregadinho de feno sobre o qual os dois irmãos mais novos, aninhados, garrulavam e lhe atiravam flores enquanto se lhe não atiravam aos braços que tão devotadamente tinham substituído os da mãe. Ao lado do pai avançava um rapagão de cara risinha que foi o primeiro a falar:

— *Santas tardes — ou antes*

noites — disse. Já não contáveis cá comigo, não é assim?

— *Então?! balbuciou a rapariga.*

— *Pois não era amanhã que devíeis começar o trabalho na estrada da banda de lá do Porto? Inquiriu a avó.*

— *Era mesmo, respondeu ele, mas, já agora, apresento-me só para a semana. Estive aqui a fazer uma combinação com o seu Augusto. O dia 13 vem perto... Vamos nós todos à Senhora da Fátima?*

A ideia do Zé Gonçalo foi acolhida com entusiasmo e dois dias de jornada quando se tem um carro de bois e uma mula, embora já velhota e cansada, não é coisa que assuste ninguém. Arranjou-se o farnel — pelo menos o conduto que desse até à volta — meteram-se uns colchões e umas mantas no carro onde se instalou a avó — que nem uma princesa — e onde Manuela e os irmãos se revezavam quando fatigados de caminhar ou para passar algum bocado da noite.

Que iam eles pedir a Nossa Senhora? Nada de extraordinário de certo, nada mais do que o pedido do costume. Nem era preciso pensar no caso. Rezar melhor, sim, rezar mesmo mais naqueles dias que para isso os tinham tirado ao trabalho, sem dúvida, mas no Padre-Nosso lá estava tudo o que era preciso pedir, na Ave Maria se encomendavam à Mãe do Céu que rogasse por eles na vida e na morte...

Tinham pouco? Esse pouco lhes bastava. O casamento de Manuela com o Zé Gonçalo não se podia fazer porque ele não podia desamparar os velhos pais, que, de mais, viviam no seu casarão distante dali cinco léguas, e ela não tinha alma de deixar os irmãos e a avó cega. Paciência! Era pena, mas outras penas maiores há por esse mundo...

E a caravana daquelas almas simples, ricas de fé e de boa vontade, pôs-se a caminho da serra d'Aire, rezando o terço e entoando não menos devotamente o «Ave».

De facto, nenhum deles havia levado propósito de qualquer pedido especial à Senhora miraculosa, mas, quando à bênção dos doentes se ouviu pela primeira vez a súplica «*Senhor, fazei que eu veja!*» todos os do grupo, grandes e pequenos, a repetiram com tal fervor por intenção da ceguinha, como se nesse brado se resumisse todo o fim da sua peregrinação. Ajoelhados junto

às cordas da vedação do recinto tinham os olhos cravados naquela que, no seu íntimo, acabava de praticar um acto heróico. Também ela, ao ouvir a súplica, pensou que Nossa Senhora poderia curá-la; também ela a repetiu fervorosamente, mas enquanto formulava no seu coração um desejo que era uma renúncia: «*Senhor, dai antes a vossa luz a alguma pobre alma que se encontre nas trevas!*»

E Jesus-Hóstia passou no seu ostensivo rutilante. E ela curvou sob a sua bênção e sob a sua santíssima vontade o rosto sulcado de suave pranto onde o olhar continuava extinto...

No dia seguinte ao do regresso à aldeia, a avó de Manuela queixou-se de fortes dores de cabeça que lhe apanhavam os olhos e, tentados sem resultado alguns remédios caseiros, a rapariga foi-se em busca do médico que, logo à chegada, lhe perguntara, impertinente, pelo milagre da Fátima...

Bem lhe custava dizer-lhe que a avó estava pior, mas Nosso Senhor lá sabia, melhor do que ela, o que convinha a todos e a cada um, e, então, nada de desânimos e muito menos de respeitos humanos.

Observada a doente não pudeira o médico conter o seu espanto. Havia cinco anos que, apesar de julgar o seu mal um caso de amaurose, incurável, a tinha mandado ao Porto a consultar um especialista. Confirmara esta a sua opinião e eis que agora a opacidade do cristalino era evidente; a cegueira provinha de cataratas, impunha-se a intervenção cirúrgica e o doutor que, no fim de copias era excelente criatura, quis ele mesmo transportá-la no seu carro; assistiu-lhe à operação e voltou a buscá-la quando já em franca convalescença.

O inexplicável acontecimento, o convívio com a bondosa mulher, com toda a família e acima de tudo com Manuela, possuidora dum coração ardente de apóstola, não podiam deixar de actuar numa alma predisposta para o Bem como a do médico que não tardou em peregrinar também até ao Santuário da Fátima e é hoje um católico prático e convicto.

Ele foi o padrinho de casamento de Manuela e, como prenda de noivado, entregou a administração das suas propriedades ao Zé Gonçalo. Numa delas se reuniram as famílias de ambos e ali vivem felizes e tranquilos, mais do que nunca devotos da Santíssima Virgem.

M. DE F.

Palavras mansas

VELHO TEMA

Fala-se muito da guerra, que põe diante dos homens de pouca fé um futuro singularmente enublado e incerto.

Até nas praias, onde tantas vezes a vaidade e o impudor caminham de braço dado, se discute o tremendo flagelo que vai açoutando o mundo. Há talvez por isso menos animação nas barracas multicolores, que costumavam ser tendas de campanha despreocupada e alegre...

Nos cafés e nos centros de cavaco, aparecem habitualmente ilustres cabos de guerra, com os seus planos, os seus mapas, os seus jornais e o seu estado maior. Erram sempre nas suas previsões, torvas de paixão política; mas consolidam rapidamente os seus créditos confessando que se defrontaram mais uma vez com o generalíssimo Surpresa.

Tenho notado que não nos comove muito a guerra, tão discutida e falada. Tormenta que por enquanto, mercê de Deus, ruge, ao longe, muito para além da fronteira. Comove-nos tudo o que de grave e doloroso se passa connosco, com os nossos e até com a nossa terra. O que vem lá de fora é notícia, pábulo à curiosidade, já quasi a dizer passatempo.

Somos assim. O nosso coração anda quasi sempre muito perto do alcance dos nossos sentidos. Não tem vontade nenhuma de ir mais longe, sobretudo para sofrer.

Bem sei que há uma solidariedade cristã, de ordem mais alta, como dizia Pascal. Mas neste nosso triste mundo tem-se feito tudo para a laicizar inteiramente, para que Deus lhe não comuniquie alento, abnegação, generosidade, eficiência.

É também por isso que entendo, com o mundo de hoje, esta involvidável exclamação de Bossuet: — ó ricos, como vós sois pobres!

Sopram do lado da guerra falsidades sobre falsidades. Vento leste, seco e esterilizante... Vitórias que se convertem em derrotas, derrotas que inesperadamente se transformam em vitórias...

Trava-se hoje a maior batalha da história e amanhã não se sabe bem se continua ou se a própria história ficou reduzida a cinzas... E o mais...

Mas a guerra é sempre a guerra — violência, crueldade, brutalidade. Um progresso surpreendente nas armas e uma cegueira impiedosa nas almas.

Os estrangeiros que vieram foragidos até nós, como naufragos que uma vaga mais forte lança de encontro à praia, têm ainda uma tal ou qual expressão de surpresa, horror e espanto, que, nas mulheres, os exageros da moda sublinham por forma pouco simpática. O que essa gente viu e sofreu! O lar desfeito, a profissão abandonada, o património no pior dos riscos, os filhos sem rumo e sem destino, a pátria à mercê dos invasores... Fugir, para não ver mais, com o que resta da vida, que é afinal muito pouco.

Quem vê a guerra a distância interessa-se sobretudo pelas ideias, doutrinas e sistemas de carácter político e social que nela se defrontam e combatem. Tudo o mais é secundário.

Quando se trata da democracia ou do totalitarismo, milhões de mortos não contam. Do que não interessa nada, dizem na minha terra, à beira Douro: — faço tanto caso disso, como da água que vai correndo por esse rio abaixo... Nos ideólogos da guerra, que tudo sabem e prevêem, o sangue que nela corre, há tanto tempo, encontra a mesma indiferença. Cada qual no seu lugar. São ideólogos não são voluntários da guerra. Isso sim! Por muito que preocupem, as ideias são mais leves do que as armas...

Confesso sinceramente que não me seduz a doutrina do conde José de Maistre sobre a guerra a pesar de saber, como o seu pensamento é vigoroso, profundo, realista e clarividente. Confunde-me essa expliação

indefinida e formidável. Sangue, sempre mais sangue!

Mas isto não quer dizer que eu me deixe embalar por todas as ilusões do pacifismo laico de Brissson e de Briand. É um prodígio de Deus, como diz a Escritura, não haver, neste ou naquele momento, um campo para a guerra até os confins da terra. As contendas entre as nações, que são grandes egoísmos colectivos, continuarão a ser derimidas pelas armas, à margem do direito das gentes. Até quando? Até à paz de Cristo, no reino de Cristo. Como não há paz para os ímpios, a previsão aqui cede o lugar à certeza.

Fala-se, também muito dos responsáveis da guerra, dos que a declararam sabendo perfeitamente que tinham feito para ela uma superficial preparação de cursos livres... Que será deles?... Só sei dizer que a sua responsabilidade tremenda ensombra a nossa alma, como há-de ensombrar a história.

Lembram-se ainda do cardinal Perraud? Foi bispo de Autun e membro da Academia francesa. Teólogo e humanista. Fé, piedade e cultura.

A propósito da legislação escolar do seu país, neutra e laica, escreveu estas palavras: «atenta contra a própria existência, suicida-se o povo que põe Deus fora da lei.»

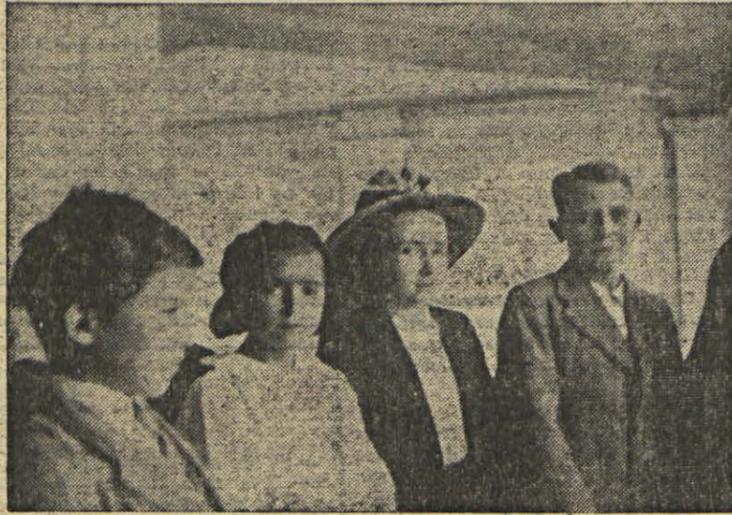
Até a guerra veio dizer-nos que ele tinha razão.

Correia Pinto

Crónica Financeira

Mostram as estatísticas que, durante os anos de 1936, 1937 e 1938, o continente europeu importou, em média, perto de quatorze milhões de toneladas de substâncias alimentícias por ano. Nesta conta entram todas as nações da Europa, incluindo a Rússia, ficando apenas de fora a Inglaterra.

Este déficit subiria se, em vez daqueles três anos que foram todos bons e dois deles até excelentes, considerássemos um maior número deles. Mas assim mesmo, supondo que todas as substâncias alimentícias incluídas neste déficit se reduziam a trigo, a importância do que o continente europeu recebe de fora equi-



Fátima, 13 de Agosto — Os quatro vencedores do concurso catequístico no Dia Diocesano da Catequese ali realizado. Da esquerda para a direita os meninos Nuno António de Faria Fernandes, de Leiria; Maria Laura Lopes Vieira de Oliveira Dias, de Leiria; Amélia das Neves, da Freixeanda; Francisco Alves, da Freixeanda.

O culto de N.ª Senhora da Fátima

NO PORTO

No dia 13 de Julho deste ano o Senhor Bispo do Porto procedeu à bênção solene duma nova capela de Nossa Senhora da Fátima construída pela Câmara Municipal do Porto para servir os 1.500 habitantes das 304 habitações do Bairro Ameal da freguesia de Paranhos.

É uma capela simples, sem pretensões, mas cómoda, como era preciso para a vida religiosa da gente boa que a cerca. Os nossos parabéns à Câmara Municipal do Porto e aos habitantes do Bairro Ameal.

NO RIO DE JANEIRO

Sua Eminência o Senhor Cardinal D. Sebastião Leme, Arcebispo do Rio de Janeiro, benzeu no passado dia 16 a primeira pedra da igreja de Nossa Senhora da Fátima a erigir naquela cidade. Serviram de padrinhos os Senhores Embaixador e Embaixatriz de Portugal junto do Governo Brasileiro. Assistiu a esse acto grande número de pessoas das mais notáveis da colónia portuguesa do Rio de Janeiro.

NA AMÉRICA DO NORTE

A excelente revista de Toronto (Canadá) Saint Joseph's Lifes publica no seu número 2 do Volume XXIX de páginas 137 a 145 um esplêndido artigo do rev. P.º Afonso Belanger sobre «Nossa Senhora da Fátima» em que, depois dum resumo da história de Portugal desde a fundação, descreve o estado actual da nossa pátria, as relações entre a Igreja e as Aparições da Fátima e comenta eloquiosamente o resultado das aparições e do movimento da Fátima em relação ao levantamento religioso de Portugal.

TIRAGEM da Voz da Fátima

no mês de Agosto

Table with 2 columns: Location and Circulation. Includes entries for Algarve (5.330), Angra (19.549), Aveiro (7.545), Beja (3.545), Braga (82.618), Bragança (12.070), Coimbra (13.679), Évora (5.065), Funchal (16.147), Guarda (20.138), Lamego (11.868), Leiria (14.464), Lisboa (11.967), Portalegre (11.033), Pôrto (53.188), Vila Real (25.277), Viseu (9.691), Estrangeiro (3.355), Diversos (13.201), Total (339.730).

Imagens, estampas e todos os artigos religiosos: há sempre grande variedade na «União Gráfica».

nho e o gado graúdo. As frutas, as hortaliças, os legumes, as aves e os animais miúdos, tudo é preciso produzir com abundância, não só para consumo próprio, mas para vender, que tudo dará bom dinheiro. O lavrador português, se souber aproveitar a maré, safa-se do atoleiro em que vive há dez anos.

Pacheco de Amorim

Pobres de Cristo

O Ti Francisco é um pobrezinho das portas do termo de Lisboa. Dá gosto ouvi-lo falar porque tem palmilhado toda a espécie de caminhos, tem batido a muita porta e conhece todas as almas caridosas na orla do mar desde o Ribatejo até Colmbra. Alto e magro, com um farto bigode a fazer-lhe sebe entre o nariz e a boca, o Ti Francisco tem no falar uma doçura tão grande como a voz de uma criança.

Traz consigo um irmão mais novo, ceguinho de nascença, por quem tem um carinho maternal. Na volta pelos casais é este quem toca e canta porque tem ainda a voz fresca e sabe tirar à guitarra umas toadas tão tristes que não há coração que se não mova.

Um dia que os dois irmãos chegaram da jornada cobertos de pó e cansaço, entrámos de conversa.

O Ti Francisco espalmava com a fôlha da navalha uma camisa de milho para fazer um cigarro e lamentava a penúria de esmolas hoje em dia.

— Sabe, agora já não há tanto quem dê como em outros tempos. Eu nunca tive mais do que tenho hoje, mas nunca me considerei pobre enquanto tive saúde e meu pai ensinou-me a nunca negar esmola a quem não tem.

— Deixe lá, não tenha medo de morrer de fome que a caridade ainda se não acabou no mundo.

— Ah! eu não tenho medo... Se não é dum é doutro sempre algum pedaço de pão duro vai caindo na sacola. E quasi todos os dias se encontra quem ofereça um prato de caldo para os dois.

— Então veja lá...

— Sim mas o pior é dos que não têm coragem ou não têm força para ir mendigar como nos pode acontecer amanhã. A caridade é tão pouca que muitos não têm quem deles se lembre.

— Sempre têm um motivo de consolação com lembrar-se que ainda há quem seja mais pobre e mais infeliz que vocês.

— Não lhe reste dúvida, senhor, Todos os dias agradeço a Deus o dar-nos

pernas e saúdinha abonde para arranjar o pãozinho para a boca. E depois eu não tenho vergonha nem pena de ser pobre. Pobre foi Cristo e sua Santa Mãe e pobres nos manda Ele ser a todos, ao menos de coração, se nos quisermos salvar. Olhe, ainda às vezes damos do que nos sobeja a outros irmãos, quando nos encontramos nas pousadas porque também sem esmola ninguém se salva. Dizia a nossa mãezinha, no tempo em que nós éramos rapazes, que os filhos predilectos de Deus são os pobres humildes como Ele. E assim como um pai perdoa as injúrias aquêle que trata bem os seus filhos, também Deus perdoa as ofensas aos que são amigos dos pobres. Nós também temos lá no Céu dívidas a descontar.

— Mas quem não tem mais não pode estar num dia a dar o que não sabe se lhe será preciso no outro.

— Ah! Não é assim, senhor! Quem dá aos pobres empresta a Deus, e Deus é de boas contas. A gente dá hoje e Ele paga logo amanhã ou depois se for preciso.

Quando éramos novos e ganhávamos para a casa, era a nossa mãe que governava, e olhava por nós, como fez até morrer. Quando no fim da semana se recebiam as jornas, punha sempre de parte uma quantia a que ela chamava o tindês. Este havia de chamar outro: ia pô-lo na mão de algum necessitado. Pois acredite, senhor: nunca nos faltou uma tigela de caldo e um pedaço de pano para cobrir a nudez. E ainda da caridade da nossa mãezinha que nós vivemos hoje.

O calor tinha quebrado e os dois velhos depois de aliviarem os alforjes nos ombros, apanharam os Lordões e, um adiante outro atrás, delataram-se ao caminho sumidos na esquina de um muro.

Fiquel-me a seismar nas lições daqueles dois pobres tão singulares e senti um vago desejo de ir atrás deles e fazer-me assim pobre também por amor de Cristo.

P.

Este número foi visado pela Censura